

Redes Sociais como complemento de Aprendizagem ao Longo da Vida: As Universidades Seniores e a Web 2.0

Social Networks as a complementary tool in the Lifelong Learning: The Senior Universities and Web 2.0

Gina Páscoa

CAPP & ISCSP – Universidade Técnica de Lisboa
ginapascoa@hotmail.com

Henrique Teixeira Gil

CAPP & ISCSP – Universidade Técnica de Lisboa
[hteixeiragil@ipcb.pt](mailto:h Teixeiragil@ipcb.pt)

Resumo

O envelhecimento da população é atualmente uma realidade inquestionável, é necessário que os idosos tenham uma aprendizagem ao longo da vida, resultando numa melhoria dos conhecimentos, aptidões e competências. As Universidades Seniores são um lugar privilegiado na educação não formal deste grupo etário. Assim sendo, este artigo tem como principal objetivo identificar o potencial educativo das redes sociais como ferramentas da Web 2.0 no processo de aprendizagem ao longo da vida. Baseia-se numa investigação realizada na Universidade Sénior Alcastrensense (USALBI) em que se recorreu a uma observação não participante de 13 alunos numa turma de informática no ano letivo 2010/2011, tendo em conta a sua vivência na aprendizagem do Facebook. Os resultados alcançados, permitiram constatar que as potencialidades das TIC e os recursos disponíveis na Web 2.0, nomeadamente o Facebook, contribuem como um complemento útil na aprendizagem ao longo da vida e favorecem a infoinclusão destes cidadãos idosos.

Palavras-chave: TIC; idosos; aprendizagem ao longo da vida; redes sociais; universidades seniores.

Abstract

The aging population is an unquestionable reality and it is essential that the elderly have a lifelong learning. This process will result in improved knowledge, skills and abilities. The Senior Universities is a privileged place for informal education for this sector of the population. This article therefore aims to identify the educational potential of the social networks as a Web 2.0 tool in the lifelong learning process. The article is based on a study done by the Castelo Branco Senior University (USALBI) where 13 students from a computer studies class were observed during the 2010/2011 school year, taking into account their experiences in learning to use Facebook. The conclusions of the study allowed us to see that the potential of information technology and the resources available on Web 2.0, namely Facebook, contribute as useful additions to the lifelong learning and encourage the inclusion of these elderly citizens in information technology.

Keywords: ICT; elderly; lifelong learning; social networks; senior universities.

Nota introdutória

A sociedade do conhecimento, bem como as tendências económicas e da sociedade em geral, como a globalização, a evolução das estruturas familiares, a evolução demográfica e o impacto da tecnologia digital, oferecem vantagens e colocam vários desafios potenciais para a União Europeia e os seus cidadãos. Os idosos do futuro deverão ser mais instruídos, com acesso a uma maior escolaridade, serão também idosos mais informados, pela evolução das TIC presentes no quotidiano dos indivíduos (Espanha, 2009). Deste modo, pretende-se que o

sedentarismo, o isolamento e a depressão sejam eliminados através de uma aprendizagem ao longo da vida, onde as TIC em geral, e as redes sociais em particular, deverão estar presentes, fazendo parte do processo de envelhecimento, garantindo melhor participação e melhor qualidade de vida (Gáspari & Schwartz, 2005). Para a concretização deste pressuposto, surgem as Universidades da Terceira Idade (UTIs), que em Portugal, se encontram agrupadas em rede. A RUTIS (Rede de Universidades da Terceira Idade), como realça Jacob (2005), *é a resposta social, desenvolvida em equipamento(s), que visa criar e dinamizar regularmente actividades culturais, educacionais e de convívio para maiores de 50 anos, num contexto de aprendizagem ao longo da vida, em regime não formal* (p.16), sendo procuradas por um público cada vez mais numeroso. Atualmente existem 178 UTIs associadas à RUTIS num universo de 30 mil alunos. A USALBI é uma dessas universidades que surgiu em Castelo Branco em Setembro de 2005. Sendo esta a instituição, onde foi efetuada uma investigação, uma vez que congrega um paradigma de formação abrangente com diversos conteúdos, onde as redes sociais, em concreto, o ensino do Facebook é contemplado nos programas da disciplina de informática.

As UTIs foram criadas em França, na Universidade de Toulouse, na década de 70. Surgiram para melhorar a qualidade de vida dos idosos, fomentando o convívio saudável e útil entre eles, para combater a exclusão social e ainda oferecer aos mais idosos, oportunidades para aprenderem e ensinarem (Pinto, 2007). Além de combaterem o isolamento social dos idosos, para lá da reforma, também os leva a participar ativamente na sociedade, convivendo e reduzindo o risco de dependência. No parecer do Núcleo de Investigação Sénior (NIS, 2005), vários estudos nacionais e internacionais mostram que as UTIs têm um projeto social que contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos idosos, prevenindo o isolamento e promovendo uma aprendizagem ao longo da vida.

Nos últimos anos, a evolução da Internet conduziu-nos à Web 2.0 e ao aparecimento das redes sociais que proporcionam um ambiente informal e atrativo num contexto de aprendizagem individual e cooperativo em que os idosos podem através destas ferramentas digitais adquirir e/ou incrementar a sua base de conhecimento ao nível das TIC, simultaneamente desmistificar o seu uso e também como forma de aproximação virtual aos diferentes sistemas: família e amigos.

Inicialmente, este artigo aborda a problemática do envelhecimento. Seguidamente expõe-se a temática da aprendizagem ao longo da vida e sociedade do conhecimento, analisam-se algumas iniciativas europeias aplicadas à população idosa. Posteriormente faz-se alusão às Universidades Seniores e Web 2.0, caracterizando-se sumariamente a investigação efectuada na USALBI.

A problemática do envelhecimento

O termo envelhecimento é certamente bastante familiar, no entanto a sua definição não é simples nem linear. A pergunta aparentemente simples: «O que é envelhecer?» não tem uma resposta consensual. Pode-se, desde já, avançar com duas respostas possíveis. Segundo Figueiredo & Cerqueira (2006), *o envelhecimento é um processo de deterioração endógena e irreversível das capacidades funcionais do organismo* (p.21). De acordo com Viegas & Gomes (2007), *o envelhecimento é considerado um processo lento e gradual que ocorre em diferentes ritmos para diferentes pessoas e grupos conforme actuam sobre essas pessoas e grupos as influências genéticas, sociais, históricas e psicológicas do curso de vida* (p.18).

Partindo destas definições, salientam-se as características essenciais do envelhecimento, tratando-se antes de mais de um processo biológico, universal e nesse sentido inevitável, do qual se desconhecem as causas. É um processo constante, que envolve crescimento e desenvolvimento (Lima, 2010), apesar de ser muitas vezes, encarado como um processo negativo. Contudo, não se deve escamotear o fato destes cidadãos possuírem um conjunto de experiências de vida que lhes conferem um determinado tipo de sabedoria acumulada e de competências que devem ser rentabilizadas e valorizadas. O processo de envelhecimento é essencialmente biológico, embora tenha implicações noutras dimensões, como na dimensão psicológica e social, em que a finalidade de todas as pessoas é alcançar um envelhecimento saudável e bem-sucedido.

A WHO (2002) perspetivou e substituiu o conceito de «envelhecimento saudável» por «envelhecimento ativo», este conceito pressupõe tal como o termo indica, um papel ativo, onde prevaleça a participação das pessoas idosas nos vários contextos da sociedade, nomeadamente no contexto familiar, social, económico e cultural. No entanto, tudo isto só é possível, através da aprendizagem ao longo da vida e, conseqüentemente, na otimização das condições de saúde física e das oportunidades de desenvolvimento psicológico e cognitivo.

Neste contexto de envelhecimento ativo, aquele que todos os indivíduos desejam atingir, interessa aqui verificar quais as principais alterações sentidas à medida que o envelhecimento normal ocorre, alterações essas resumidas em cinco palavras por Simões (1982), em que com a idade, o organismo se torna mais pequeno (*smaller*), mais lento (*slower*), mais fraco (*weaker*), mais escasso (*lesser*) e mais reduzido (*fewer*). Principalmente ao nível cognitivo (nomeadamente ao nível da memória, inteligência e aprendizagem), destacam-se também algumas modificações. Estas alterações, foram durante muito tempo, caracterizadas de um modo negativo, considerando-se que o avançar dos anos, trazia inevitavelmente, declínio intelectual.

Ao nível científico, durante muito tempo se pensou que com a idade se perdiam neurónios. No entanto, as investigações mais recentes, mostram que ao longo da vida, se desenvolvem novos neurónios, como comprova Goldberg (2008), que afirma que, *o nosso cérebro tem a capacidade de se restaurar e de se rejuvenescer, os neurónios não param de se desenvolver, eles continuam a crescer ao longo da vida, quer seja ela numa fase adulta, quer seja numa idade já bem avançada* (p.225). A questão é saber se com a idade existe uma diminuição drástica a nível das funções cognitivas. É comum ouvirmos expressões como: «a minha memória já não é o que era», «os anos pesam», «burro velho não aprende línguas», entre outras. O que têm de verdade e falso estas expressões? Será que a memória, a inteligência e a capacidade de aprender, diminuem de forma notória com a idade?

Memória e aprendizagem são processos que estão relacionados, um não existe sem o outro. Considera-se geralmente que o envelhecimento acarreta uma perda acentuada da memória, sendo que os próprios idosos, apresentam a este propósito uma visão negativa sobre o seu desempenho. Segundo Sousa *et al.*, (2006), 80% dos idosos queixam-se de problemas a nível da memória. Relativamente à aprendizagem, de acordo com Simões (2006), esta tende a declinar com a idade, tal declínio não é substancial até depois dos 70 anos. Todos os grupos etários conseguem aprender. O mesmo autor, na sequência de uma revisão de literatura que realizou, mostra que as competências intelectuais mais afetadas pela idade são: a capacidade de interpretar informação não verbal e a capacidade de dar respostas rápidas perante situações novas; a aquisição de novos conceitos; a aptidão para organizar informação e concentrar-se; os raciocínios abstratos; as competências psicomotoras e as atividades perceptivas. Por sua vez, Silva (1990) verifica que, as capacidades menos afetadas pela idade são: a dimensão prática da resolução de problemas; a capacidade de interpretar informação verbal; a execução das tarefas familiares e o uso do conhecimento acumulado.

Segundo Simões (1989) a questão das capacidades cognitivas é demasiado complexa, interferindo aqui diversos fatores. Para além da idade, não podem ser esquecidos outros aspetos, nomeadamente: 1) as expectativas sociais (se a sociedade espera que os idosos percam capacidades, eles acabam por interiorizar a ideia e o declínio acaba por ocorrer); 2) a saúde (os mais doentes registam maiores declínios); 3) a educação (os mais instruídos registam declínios menores); 4) a atividade intelectual (que se mantém intelectualmente ativo regista menor declínio). Neste contexto, para minimizar as alterações nas capacidades cognitivas, é importante, entender a aprendizagem como uma atividade contínua, estendendo-se ao longo da vida. A análise dos processos de aprendizagem nos diferentes períodos da nossa vida mostra que a aprendizagem como construção de conhecimento acontece na infância e na

terceira idade. Neste sentido, estas aprendizagens, principalmente a que acontece na terceira idade, servem para mostrar o papel fundamental das Universidades Seniores na educação efetiva dos idosos, auxiliando estes, a aprender continuamente ao longo da vida.

Aprendizagem ao longo da vida e a Sociedade do Conhecimento

O *Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida* (Comissão das Comunidades Europeias, 2001), foi um dos primeiros documentos a lançar o debate à escala europeia sobre uma estratégia global de Aprendizagem ao Longo da Vida (ALV), visto como uma medida de educação e formação crucial na sociedade do conhecimento marcada por profundas mudanças na economia e sociedade. Este documento aponta duas vertentes da ALV: uma centrada na aquisição de competências para o reforço da competitividade da Europa e da melhoria da empregabilidade e da adaptabilidade da força de trabalho; outra que assume a educação, no sentido mais lato, enquanto formação do indivíduo para viver harmoniosamente numa sociedade repleta de diversidades culturais. Deste modo, a Comissão das Comunidades Europeias (2001), define nestes termos a ALV como, *toda a actividade de aprendizagem em qualquer momento da vida, com o objectivo de melhorar os conhecimentos, as aptidões e competências, no quadro de uma perspectiva pessoal, cívica, social e/ou relacionada com o emprego* (p.10). No sentido de pôr em prática políticas coerentes de ALV, definiram-se estratégias comuns de atuação, assentes em 4 eixos: a cidadania ativa, a realização pessoal, a empregabilidade e a inclusão social. No quadro destas estratégias, realça-se como ação prioritária a valorização das aprendizagens informais e não formais. Entende-se por aprendizagem informal, todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. A aprendizagem não formal, embora obedeça a uma estrutura e a uma organização (distinta, porém das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), permite a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo completo (Afonso, 1989).

Atualmente, é necessário fazer frente aos novos desafios de uma sociedade em transição, marcada pela globalização, evolução tecnológica e envelhecimento da população, assim como pela emergência de uma nova fonte de riqueza: o conhecimento. Esta sociedade do conhecimento, globalizada e digital, impôs uma nova dinâmica das políticas europeias num evidente investimento no capital humano pela aposta na ALV para superar a desigualdade e exclusão social de algumas camadas da população, nomeadamente os idosos.

No âmbito da problemática que envolve o processo acelerado de envelhecimento, a idade da reforma, portanto, será progressivamente retardada pelo que as pessoas terão de se manter

no mercado de trabalho por mais tempo e fazer frente à sua evolução. Uma vida activa mais longa resultará numa procura em melhorar as competências dos trabalhadores em idade avançada, aumentando as oportunidades de aprendizagem ao longo da vida. Neste sentido, os principais responsáveis europeus, sabendo do potencial que as TIC possuem na resolução de problemas, promoveram uma reunião interministerial que culminou na aprovação da «Declaração Interministerial de Riga». Esta Cimeira Interministerial (EU, 2006) foi fundamental para a construção de um novo tipo de sociedade, que pretende ser inclusiva e promover a utilização das TIC por parte de todos os cidadãos: «*ICT for an inclusive society*».

Em consequência da Declaração Interministerial de Riga a União Europeia lançou a iniciativa «*i2010 – A European information society for growth and employment*» a qual veio incluir e insistir em medidas relacionadas com o envelhecimento ativo, com a fratura digital relacionada com espaço rural e com o espaço urbano e com uma melhor e adequada literacia digital com competências que estejam mais relacionadas com as diversidades contextuais e culturais dos cidadãos (EU, 2007). A «*Iniciativa i2010*» pretende atingir os seus objetivos em três diferentes eixos: 1. Envelhecer bem no trabalho (criação de condições para que se promova um adequado envelhecimento ativo que se venha a traduzir numa permanência mais prolongada em atividade laboral através da utilização das TIC, de modo a proporcionar práticas mais inovadoras e flexíveis em contexto laboral através da aquisição de competências digitais). 2. Envelhecer bem na comunidade (promover condições para que os cidadãos sejam e/ou continuem socialmente ativos e criativos através da utilização das TIC e redes sociais para que seja reduzido o isolamento social). 3. Envelhecer bem em casa (proporcionar uma melhor qualidade de vida com melhores condições de saúde que permitam aos cidadãos mais idosos serem mais autónomos e independentes através da utilização das tecnologias assistivas). Apesar das diferentes iniciativas por parte da União Europeia, a sua eficácia não tem sido verificada em termos práticos. Dados recolhidos pelo Eurostat (2007) vêm demonstrar que continuam a existir grupos info-excluídos onde se incluem os cidadãos mais idosos, em que é prioritário, nestes grupos, reforçar a necessidade de se criarem condições para que a ALV seja uma preocupação que contribua para combater a «*iliteracia digital*», fator de desvantagem social e educativo inerente a este grupo de cidadãos.

As exigências da sociedade atual cresceram novas responsabilidades ao ser humano, nomeadamente no seu percurso educativo, como realça Castells (2007), *a educação e a aprendizagem ao longo da vida constituem ferramentas essenciais para o êxito no trabalho e o desenvolvimento pessoal* (p. 299). Na atual sociedade em que as redes sociais estão no auge, grande parte da informação situa-se nestas plataformas, daí a necessidade de procurar o seu potencial

educativo destas ferramentas digitais e desenvolver competências de literacia digital, sobretudo de fomentar nos indivíduos capacidades de colaboração, partilha de conhecimento, interação e comunicação. Neste sentido, as Universidades Seniores devem estar familiarizadas com estas mudanças na sociedade do conhecimento em que a Web 2.0 é já uma referência integrante na vida das pessoas. Deste modo, estas instituições representam uma fonte de aprendizagens diversas que deve ser rentabilizada e valorizada em função da infoinclusão dos idosos num contexto de educação não formal.

Universidades Seniores e a Web 2.0

Não é consensual a terminologia usada neste contexto, existindo alguma discussão acerca de qual será a designação mais adequada, «Universidade», «Academia» ou «Associação», bem como «Terceira Idade» ou «Sénior». O movimento das universidades da terceira idade tem como principal objetivo ocupar o tempo livre dos aposentados (Monteiro & Neto, 2008). Em Portugal, a primeira Universidade da Terceira Idade surgiu na década de setenta e o número não mais parou de aumentar, num movimento inicialmente lento, mas que se foi acentuando nos últimos anos. Para exemplificar, e segundo dados da RUTIS, antes do início da década de oitenta, existiam, apenas quatro Universidades Seniores. Entre os anos de 1981 e 1985, são fundadas mais duas e é a partir de 1996 que a expansão começa a ocorrer de forma mais clara. De 2004 a 2008 criaram-se quarenta e nove Universidades Seniores em Portugal.

Esta expansão mais acentuada, a partir dos anos noventa, estará relacionada com dois fatores principais: as transformações demográficas e a maior atenção dada à educação ao longo da vida, pode ter tido reflexos no aumento do número deste tipo de universidades. Em Portugal, as Universidades Seniores trabalham à margem do sistema regular de ensino e mantêm-se fiéis aos princípios da educação não formal.

As Universidades Seniores, para além da ocupação dos tempos livres dos idosos, com atividades culturais e educativas, apresentam diversas vantagens: permitem a integração na sociedade da população idosa, fomentam a aprendizagem ao longo da vida, permitem a transmissão e aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento de atividades desportivas e favorecem a autoestima dos idosos. Podem ser também uma estratégia para reforçar competências sociais e favorecer as relações inter-geracionais. Nestas universidades, há a preocupação de realizar aprendizagens, mas a existência de espaços mais informais, onde se privilegia o convívio e a diversão são também objetivos, no sentido de contribuírem para a valorização da cultura e melhoria da qualidade de vida dos adultos de idade mais avançada. Estas instituições permitem, ainda, que os idosos se mantenham ativos, ao participarem em

atividades educativas, surgindo como uma importante alavanca para o bem-estar e para o envelhecimento ativo. Relativamente à oferta, pode dizer-se que, entre as diversas possibilidades existentes, os idosos podem escolher cursos livres, sobretudo na área das humanidades, da sociologia, das línguas estrangeiras, da informática, da leitura e escrita criativas, da saúde e das artes. De um modo geral, dispõem também de atividades como ginástica, natação, teatro, canto coral, música e trabalhos manuais. As viagens de estudo no país ou no estrangeiro constituem igualmente objeto de possível oferta. Ao nível dos alunos, é comum a diversidade de níveis de escolaridade, havendo desde licenciados a indivíduos com a antiga 4ª classe (Gonçalves, 2010).

De acordo com Veloso (2004), uma das disciplinas mais frequentadas nas universidades seniores é a informática. Neste sentido, nos últimos anos, a evolução da Internet conduziu-nos a Web 2.0, e este também é um dos principais motivos pelo qual os mais idosos usam a Internet. Com o surgimento da Web 2.0, a quantidade de utilizadores aumentou exponencialmente, dando-se início à Internet de todos e para todos. A Web 2.0 é marcada pela comunicação bidirecional, que permite ao utilizador, contribuir para a construção de saber e informação, através do desenvolvimento da inteligência coletiva (O'Reilly, 2005). Baseada numa arquitetura de participação em que, cada utilizador pode ser um agente participativo com o uso de ferramentas de redes sociais, a Web 2.0 permite aos utilizadores terem voz ativa, deixando os conteúdos de ser produzidos apenas por aqueles que possuíam elevados conhecimentos técnicos. A Web 2.0 veio revolucionar as formas de comunicação e interação entre as pessoas, bem como contribuir para o seu enriquecimento, através de discussões em ambientes virtuais, os quais podem ser criados, a partir da maioria dos softwares sociais existentes na Web social, de que é exemplo o Facebook, uma das redes sociais com mais sucesso no mundo.

As Universidades Seniores surgem como lugar privilegiado na promoção da educação ao longo da vida dos idosos, em que as aprendizagens da utilização das redes sociais permitem a aproximação de pessoas, favorecem a rápida troca de informação, com aqueles que são mais próximos e que se encontram distantes. O potencial educativo das redes sociais pode ser considerado um complemento da ALV, e poderá ser uma mais-valia para simplificar o dia-a-dia dos idosos, na organização dos seus contactos, na gestão das relações interpessoais com a finalidade de combater o isolamento e promover uma infoinclusão. Perante esta realidade, apresenta-se sumariamente uma investigação realizada na USALBI, em que se recorreu à observação não participante de 13 alunos numa turma de informática, no contexto da vivência da aprendizagem da rede social Facebook.

Resultados da investigação desenvolvida na utilização do Facebook

No ano letivo 2010/2011 período em que decorreu a investigação, estavam inscritos na USALBI 550 alunos e lecionavam em regime de voluntariado 57 professores. Atualmente são lecionadas cerca de 40 disciplinas, da qual se destaca a informática que é dividida em três Níveis: Nível I – Introdução à informática, Nível II – Microsoft Office (Word, Excel, PowerPoint) e Internet e Nível III – Conteúdos de multimédia e tratamento de imagem. Quanto às aulas de informática, estas realizam-se uma vez por semana no *Cybercentro*, que é um espaço concebido a pensar nas tecnologias digitais, funciona como local de demonstração prática, apostando no uso das TIC e Multimédia ao serviço dos idosos. Na USALBI a rede social Facebook, enquadra-se na temática «Internet» e faz parte dos conteúdos ministrados na disciplina de informática Nível II que engloba um nível de intermédio de aprendizagem.

No âmbito da investigação realizada na USALBI, em primeiro lugar, foi enviado um e-mail a 65 Universidades Seniores de Portugal com o objetivo de averiguar a existência da rede social Facebook nos conteúdos programáticos da disciplina de informática, verificando-se que das 20 Universidades que responderam ao e-mail, apenas 5 (25%) incluem o Facebook nos seus conteúdos programáticos. Esta pequena percentagem, leva a questionar a necessidade de introduzir as redes sociais na aprendizagem realizada nas Universidades Seniores e divulgar o seu potencial educativo. Sendo assim, como é que se pode definir o Facebook? Quais as suas potencialidades educativas para a população idosa?

No âmbito da revisão de literatura efetuada na investigação, pode-se afirmar que o Facebook é uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo para interagir socialmente. Esta interação surge essencialmente pelos comentários a perfis, pela participação em grupos de discussão ou pelo uso de aplicações e jogos. É um espaço de encontro, partilha, discussão de ideias, apresenta-se em diversos idiomas e possui mais de 800 milhões de utilizadores activos. Proporciona uma vasta lista de ferramentas e aplicações que permitem aos utilizadores comunicar e partilhar informação (adicionar fotografias, vídeos, comentários, ligações, enviar mensagens, aplicações de e-mail e outras tecnologias) assim como controlar quem pode aceder a informação específica ou realizar determinadas ações (Educause, 2007). O Facebook transformou-se num canal de comunicação e um destino para pessoas interessadas em procurar, partilhar ou aprender sobre determinado assunto (Kelly, 2007). No entanto, tem como diferencial relativamente aos outros software, uma ferramenta chamada Facebook *Platform* que permite agregar conteúdos de qualquer sítio da Web. Este espírito de plataforma

aberta e acessível reflete o verdadeiro espírito da Web 2.0, constituindo um grande repositório dos serviços da Web social.

Todas as características e aplicações do Facebook atrás mencionadas, foram exploradas e identificadas na observação não participante da aprendizagem desta rede social numa turma de informática da USALBI no ano letivo 2010/2011. Inicialmente, no final do 1º período, os 13 alunos assumiram um papel ativo na sua aprendizagem, experimentaram as aplicações ensinadas durante as aulas, partilharam informação pessoal e social bem como conteúdos multimédia, eventos e reflexões. Estes alunos ficaram surpreendidos pela positiva com as potencialidades do Facebook na promoção de relações interpessoais e uma maior socialização, para além de proporcionar novas formas de aquisição do saber que esta ferramenta digital permite no seu processo de aprendizagem ao longo da vida. No final do 2º período, da observação dos comportamentos dos alunos nesta fase de aprendizagem, verificou-se uma troca de ideias, onde os alunos debateram pontos de vista diferentes e houve um espírito de partilha de saberes e de ajuda mútua. Esta situação verificada, sugere a necessidade da existência de uma aprendizagem com o apoio de pares, isto é, com apoio realizado com idosos para idosos. No final do ano letivo, constatou-se que a maioria dos alunos utilizava as funcionalidades do Facebook com mais segurança e criatividade. Após terminar a observação não participante na turma de informática, concluiu-se que estes idosos encaram esta rede social com mais confiança, partilham informação e conhecimento com mais frequência, utilizam-na no seu dia-a-dia e sugerem a sua aprendizagem a todas as pessoas, em especial, à população idosa. Como nota final, é importante referir que, pelo facto dos alunos sentirem a grande importância da utilização do Facebook no processo do seu envelhecimento ativo, foi possível convidarem a investigadora para, no presente ano letivo de 2011/12, colaborar com a USALBI na continuação da formação e, conseqüente, acompanhamento destes alunos.

Considerações e reflexões finais

A Web 2.0, de acordo com O'Reilly & Battelle (2009), tem favorecido uma melhor e rápida adaptação das pessoas às tecnologias, na medida em que a Internet se transformou numa plataforma simples e fácil de usar e que consegue corresponder aos interesses e necessidades dos idosos. Este estudo permitiu evidenciar que as redes sociais, enquanto ferramentas Web 2.0, possibilitam diversas oportunidades para a criação de um ambiente de aprendizagem ao longo da vida. Tal como realçam MacLoughlin *et al.*, (2007), as redes sociais são ambientes sociais e digitais, com conectividade e ubiquidade, baseados na procura de aprendizagem, pelo

que se deve ampliar a sua pedagogia às Universidades Seniores em que os idosos sejam integrados no processo ensino/aprendizagem destas tecnologias.

Em suma, este estudo impulsionou a necessidade da existência do Facebook nos conteúdos programáticos da disciplina de informática nas Universidades Seniores. É um recurso digital imprescindível para promover a infoinclusão dos cidadãos idosos, melhorar e complementar a participação destes, no seu processo de aprendizagem ao longo da vida e ajuda a desenvolver competências digitais/ sociais para uma participação plena na sociedade do conhecimento. Este é o desafio que enfrentamos numa sociedade e num país cada vez mais envelhecido. Torna-se, portanto, fundamental e urgente que se incluam os cidadãos mais idosos num programa de ALV de forma consistente e organizada para uma «Sociedade do Conhecimento em Rede» em que nos encontramos!

Referências

- Afonso, J. (1989). Sociologia da educação não-escolar: reatualizar um objectivo ou construir uma nova problemática? In Esteves J. e Stoer R. (orgs.), *A sociologia na escola*. Porto: Afrontamento, 78-91.
- Castells, M. (2007). *A Galáxia Internet. Reflexões sobre Internet, negócios e sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Comissão das Comunidades Europeias (2001). Tornar o espaço europeu de aprendizagem ao longo da vida uma realidade. <http://www.eur-lex.europa.eu/pdf> (Acedido em 23/02/2012).
- Educause (2007). 7 Things you should know about Facebook. <http://www.net.educause.edu/pdf> (Acedido em 27/02/2012).
- Espanha, R. (2009). *Saúde e comunicação numa sociedade em rede – o caso português*. Lisboa: Monitor.
- European Union (EU), (2006). *Riga Ministerial Declaration – ICT for an inclusive society*. Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias.
- European Union (EU), (2007). *Envelhecer bem na sociedade da informação: Uma iniciativa i2010*. Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias.
- Eurostat (2007). *Community Survey on ICT in Households and by Individuals*. Brussels: European Commission.
- Figueiredo, D. & Cerqueira, M. (2006). *Envelhecer em família: os cuidados familiares na velhice*. Porto: Ambar.
- Gáspari, J. & Schwartz, G. (2005). O idoso e o lado emocional do lazer. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 21 (1), 69-76.

- Goldberg, E. (2008). *O paradoxo da sabedoria. Como pode a sua mente, ficar mais forte à medida que o seu cérebro envelhece*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Gonçalves, C. (2010). *Sabedoria e Educação. Um estudo com adultos da Universidade Sénior*. Tese de Mestrado em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitária. Universidade de Coimbra.
- Jacob, L. (2005). A importância das universidades da terceira idade na qualidade de vida dos seniores em Portugal. *Revista Medicina e Saúde*, 92, 16-17.
- Kelly, B. (2007). Introduction to Facebook: Opportunities and challenges for the institution. <http://www.ukoln.ac.uk/web-focus/events/meetings> (Acedido em 27/02/2012).
- Lima, P. (2010). *Envelhecimento*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- MacLoughlin et al. (2007). *Social software and participatory learning: Pedagogical choices with technology affordances in the Web 2.0 era*. Singapore: Ascilite.
- Monteiro, N. & Neto F. (2008). *Universidade da Terceira Idade: Da solidão à motivação*. Porto: Livpsic.
- Núcleo de Investigação Sénior (NIS), (2005). A qualidade de vida dos alunos das UTIS. <http://www.rutis.org> (Acedido em 22/02/2012).
- O'Reilly, T. (2005). What is Web 2.0 – Design patterns and business models for the next generation of software. O'Reilly Publishing. <http://www.oreilly.com/web2/archive> (Acedido em 26/02/2012).
- O'Reilly, T. & Battelle, J. (2009). Web Squared: Web 2.0 five years on. <http://www.web2summit.com/web2009/public/schedule/detail/10194> (Acedido em 28/02/2012).
- Pinto, M. (2006). Da importância de programas destinados à educação de seniores na sociedade de hoje: As universidades da terceira idade em Portugal. <http://www.rutis.org> (Acedido em 25/02/2012).
- Silva, A. (1990). *Educação de adultos: Educação para o desenvolvimento*. Rio Tinto: Edições ASA.
- Simões, A. (1982). Aspectos de gerontologia. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 23, 3-20.
- Simões, A. (1989). O que é educar? Acerca do constitutivo formal do conceito. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 23, 3-20.
- Simões, A. (2006). *A nova velhice. Um novo público a educar*. Porto: Ambar.
- Sousa, et al. (2006). *Envelhecer em família: Os cuidados familiares na velhice*. Porto: Ambar.
- Veloso, E. (2004). *Políticas e contextos educativos para os idosos: um estudo sociológico numa Universidade da Terceira Idade em Portugal*. Tese de Doutoramento em Sociologia. Universidade do Minho.

Viegas, M. & Gomes, A. (2007). *A identidade na velhice*. Porto: Ambar.

World Health Organisation (WHO), (2002). *Active ageing: A policy framework*.